



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ESCRITAS DE SI: RELATOS PEDAGÓGICOS ENTRE PARAÍBA E
PERNAMBUCO

VANESSA CAMILA DA SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2023

**ESCRITAS DE SI: RELATOS PEDAGÓGICOS ENTRE PARAÍBA E
PERNAMBUCO**

VANESSA CAMILA DA SILVA

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. DR. IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2023

VANESSA CAMILA DA SILVA

**ESCRITAS DE SI: RELATOS PEDAGÓGICOS ENTRE PARAÍBA E
PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em ____/____/____ com o conceito ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti De Oliveira
Orientador (a)

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Examinador (a)

Prof. Dra. Andressa Leandro Barbosa
Examinador (a)

RESUMO

O relato de experiência a seguir mostrará os caminhos percorridos “por mim” desde a base do Ensino Fundamental ao término do Ensino Superior, contendo a descrição sobre o relato de estágio na disciplina de Complementação da Prática, com professor e orientador Iranilson Buriti. Serão apresentadas no decorrer do relato experiências e vivências que me atravessam enquanto sujeito, enquanto mulher preta e filha de pais analfabetos. Escreverei tanto as experiências boas quanto as ruins, inclusive, no estágio docente, vivências dentro e fora da escola que marcaram profundamente a estadia no ambiente escolar. Desse modo, o presente trabalho foi de suma importância para escritas pessoais e profissionais na carreira do magistério.

Palavras-chave: Relato de experiência; Estágio supervisionado; Ambiente escolar.

ABSTRACT

The following experience report will show the paths taken by “me” from the base of Elementary School to the end of Higher Education, containing the description of the internship report in the Complementation of Practice discipline, with professor and advisor Iranilson Buriti. Experiences that cross me as a subject, as a black woman and daughter of illiterate parents, will be presented in the course of the report. I will write both the good and the bad experiences, including, in the teaching internship, experiences inside and outside the school that profoundly marked the stay in the school environment. Thus, the present work was of paramount importance for personal and professional writings in the teaching career.

Keywords: Experience report; Supervised internship; School environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escola Municipal Paulo Freire	11
Figura 2 - Comemoração de 7 de setembro em Orobó/PE.....	11
Figura 3 - Dia das mães no ano de 2013, na Escola Abílio de Souza Barbosa	12
Figura 4 - José Sebastião, meu pai.....	13
Figura 5 - Josina no desfile cívico	13
Figura 6 - EREM Abílio de Souza Barbosa	15
Figura 7 - Universidade Federal de Campina Grande/PB - Campus Sede	17
Figura 8 - Ementa disponibilizada pelo Prof. Dr. Luciano Queiroz	19
Figura 9 - Turma no bloco BZ.....	21
Figura 10 - Minicurso de paleografia ministrado pela Profa. Dra. Juciene Apolinário	21
Figura 11 - Visita ao Museu do Algodão, Campina Grande/PB	22
Figura 12 - Em família	23
Figura 13 - Meu namorado Josivaldo	23
Figura 14 - EREM Prof. Antônio Pedro de Aguiar	25
Figura 15 - Professor Hosanan e família.....	26
Figura 16 - Entrada da escola	27
Figura 17 - Entrada no polo principal da escola	27
Figura 18 - Quadra de esportes da EREM Antônio Pedro	28
Figura 19 - Comemoração do dia das mulheres realizada pela professora Conceição e seus alunos	29
Figura 20 - Lembrancinhas feitas pelos alunos José Vitor e Lucivan	30
Figura 21 - Turma do 3º “A”	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – MEMORIAL: VIDA E ESCOLA	10
CAPÍTULO II – O CONTEXTO DE ESTÁGIO	25
Caraterização da Escola	25
Recursos da escola, materiais e didáticos	28
Caraterização das turmas	30
Experiências como docente	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	38
Sequências Didáticas	38

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência é fruto da conclusão do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG), cujo conteúdo apresenta uma trajetória que percorre desde um minucioso memorial escolar, partindo dos primeiros anos de escola, com a alfabetização, à experiência docente proporcionada pela disciplina de Prática de Ensino, ministrada pelo Prof. Dr. Iranilson Buriti. De forma acurada, o então trabalho mostra, a partir de uma perspectiva pessoal, a minha própria caminhada, evidenciando dificuldades muitas, como também, possibilidades inúmeras, proporcionadas pela meio acadêmico. Além disso, contará com as contribuições adquiridas durante os estágios, os quais foram de suma importância para a finalização deste ciclo, pois exporei o contexto de ambientes escolares diversos, agora na visão de uma educadora, fazendo paralelos com a visão de estudante.

No decorrer deste trabalho, irei mostrar as dificuldades encontradas durante a minha caminhada estudantil, principalmente, nos anos iniciais, na Escola Municipal Paulo Freire, entre o período de 2004 a 2012, na qual frequentei da alfabetização ao 9º ano. Ressalto diversos problemas que permearam a minha permanência na escola, como, por exemplo, a falta de assistência familiar na realização das atividades de casa, por meus pais serem analfabetos, não conseguiam me ajudar nos deveres escolares como necessário, e tive que depender, diversas vezes, da disponibilidade de uma vizinha que me auxiliava nas atividades. Posteriormente, abordo o período entre o ano de 2013 a 2015, no qual estudei o Ensino Médio na Escola de Referência Abílio de Souza Barbosa. Por já ter 15 anos, conseguia lidar melhor com as atividades, no entanto, ressalto que parte do corpo docente da instituição deixou em muito a desejar no quesito educação, e em vários outros aspectos profissionais e muito importantes para o período em questão.

Aborda, ademais, as múltiplas realidades de uma escola de zona urbana, a qual recebe, em sua maioria, alunos da zona rural, e em que os profissionais se juntam e procuram utilizar de todos os meios possíveis para proporcionar um ambiente organizado e adequado, além de acolhedor, para comportar todos os alunos. Inclusive, fazendo cotas financeiras (“vaquinhas”) entre professores e funcionários para manter a alimentação do alunado em dia, mesmo com a frequente falta de verbas para tal. Pude observar, sobretudo, as diferenças entre a “idealização” encontrada dentro do ambiente acadêmico com a realidade das escolas. Dessa

forma, estabeleço um panorama que confronta realidade e idealização, ou melhor, escola e academia.

Sobretudo, teço críticas à própria organização do currículo acadêmico, em que os estágios deveriam ser apresentados no começo da graduação, como ocorre com a nova grade curricular, por meio de quatro disciplinas de Estágio Supervisionado, e não somente no final, como no antigo currículo de 1986, em que a disciplina de prática é ofertada apenas no 8º período, tornando o curso, majoritariamente, teórico. Logo, é imprescindível que os alunos formados pelo antigo currículo busquem métodos e leituras, em formação também autodidata, e procurem didáticas alternativas e metodologias variadas na aplicação do conteúdo histórico em sala de aula. Uma vez que nenhuma realidade pode ser generalizada, como também, não pode ser excluída, e isso faz parte da vida do docente, ou seja, fazer inclusão onde não se tem, inclusive, para onde não se é bem realizada.

CAPÍTULO 1 – MEMORIAL: VIDA E ESCOLA

Minha origem é de Pernambuco, especificadamente do município de Orobó, que faz divisa com Umbuzeiro na Paraíba. Sou fruto dos espaços escolares e de vivências de Pernambuco e da Paraíba. Iniciei meus estudos escolares aos seis anos de idade, em 2004, e permaneci a maior parte do meu período escolar na Escola Municipal Paulo Freire¹, na qual já ingressei na alfabetização, devido ao fato de saber ler e escrever com a ajuda das minhas primas maternas.

A primeira professora com quem tive aulas foi Mauriceia, e o período letivo em que fiquei na turma dela foi traumatizante devido ao bullying e o racismo², ao qual fora sujeita todos os dias, sem intervenção da educadora. Além disso, ocorreram vários episódios nos quais foram negligenciados tanto pela docente, quanto pela própria coordenação da escola. O primeiro foi a perda dos dois dentes incisivos centrais, porque outra criança bateu a testa na minha boca ao vir em minha direção. O outro aconteceu ao levar beliscões e ter moedas roubadas por uma colega de classe, e mais uma vez ter sido negligenciada pela direção da escola, que negou tais fatos quando minha mãe chegou para pleitear.

¹ Rua professor Antônio Mariano de Aguiar, 18, Centro. 55745-000, Orobó – PE.

² Podemos compreender como bullying e racismo o que: “[...] geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas.” (Almeida, Silvio Luiz de; em “Racismo estrutural”; 2019; p. 32)

Figura 1 - Escola Municipal Paulo Freire



Fonte: ACESSA Caruaru

Na figura abaixo, da esquerda para direita: Déborah Taynara, Josefa Josina e eu.

Figura 2 - Comemoração de 7 de setembro em Orobó/PE



Fonte: acervo pessoal da autora

Desse modo, até o ensino fundamental II, dos 7 aos 13 anos, entre 2005 a 2011, foi bem complexa a minha estadia no colégio, em alguns momentos por questões pessoais, como a dificuldade da simples ida e volta da escola. Minha mãe, ou melhor, mainha, tinha que levar minhas duas irmãs menores juntamente, já que não havia com quem as deixar. Em referência ao meu pai, durante o período letivo não tenho muita memória, já que ele tinha e ainda tem vergonha de dizer que é pai de mim e meus irmãos. Logo, nunca se importou em participar

presencialmente de nenhum momento escolar ou mesmo acadêmico de nossas vidas. Mas quem foi pai e mãe em período integral na vida de todos foi Josefa Carmelita, mainha.

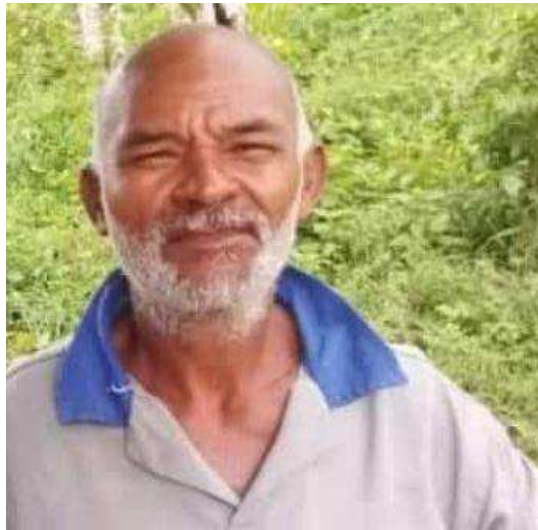
Figura 3 - Dia das mães no ano de 2013, na Escola Abílio de Souza Barbosa



Fonte: acervo pessoal da autora

Entre a 1^a e 4^a série, dos 7 aos 10 anos, estudei com a professora Daniela, que tinha, dentre um de seus objetivos pedagógicos, o entrosamento da turma e o aprendizado das temáticas. No entanto, por meus pais serem analfabetos e não possuírem leituras, sempre tive problemas com a realização das atividades de casa, tendo que depender da disponibilidade e boa vontade de outros para me auxiliarem, como Fabiana Soares, minha vizinha, que quando tinha algum tempo livre, me ajudava bastante na realização dessas tarefas.

Figura 4 - José Sebastião, meu pai



Fonte: acervo pessoal da autora

As dificuldades não se resumiam somente às atividades, pois apesar de ter conseguido amigas durante o percurso escolar, sempre tinham aqueles que encrencavam comigo sem motivos aparentes. Apesar da então professora ser mais cuidadosa, foi um período ao qual me desgastou completamente, devido também ao fato das minhas irmãs ingressarem na escola, no ensino infantil, e a partir disso, além dos meus afazeres escolares rotineiros, tinha que assessorar o aprendizado delas.

Figura 5 - Josina no desfile cívico



Fonte: acervo pessoal da autora

Entre a 5ª e a 8ª série, entre 11-13 anos, o momento foi se estabilizando, já que aprendi a fazer minha atividade sozinha e ser independente nos estudos. Além de ter que ajudar minhas irmãs com as atividades delas, o que perdurou até que elas iniciassem o 9º ano (antiga 8ª série) e, mesmo assim, ainda continuaram pedindo ajuda com as disciplinas que não conseguiam dominar. Ademais, até a 7ª série, a turma era a mesma, e às vezes ingressavam outros alunos, por isso, a convivência não se alterou. Inalterado também permaneceu o bullying, agora intensificado por causa do meu sobrepeso, da minha cor e, principalmente, por causa do meu cabelo crespo, o que foi um dos principais motivos para o uso contínuo de químicos para alisamentos. As mudanças em sala eram somente dos conteúdos ministrados pelos professores, e os quais eu nutria maior interesse por Geografia e História, com o professor Genivaldo, único docente respeitado pela turma à tarde.

As demais disciplinas foram complexas, porém, não menos importantes. Principalmente Português, em que tivemos uma ótima professora apenas na 6ª série, pois das que assumiram nos seguintes anos, uma era focada no Inglês e a outra estava sempre sobrecarregada, não dava mais conta das turmas e passava os mesmos exercícios constantemente. Enfim, os temas abordados até a 4ª série deixaram em muito a desejar, tanto pelo conteúdo em si, quanto pelo modo que foram ministrados. Principalmente no Ensino Médio, período em que muitos professores, especialmente os de Biologia, Português e Inglês, negligenciaram profundamente questões importantíssimas para a formação escolar, ainda mais para aqueles alunos de baixa renda que não podiam pagar ou participar de cursinhos extracurriculares.

Como abordado anteriormente, o Ensino Médio, dos meus 14 a 17 anos, entre os anos de 2013 a 2015, foi o mais complexo e cansativo de todo o período escolar, pois com diversas trocas de professores em todos os três anos, os argumentos e ideias ficavam desconstruídos e totalmente confusos, já que alguns tinham boas didáticas, enquanto outros não dominavam nem mesmo seus próprios argumentos. O primeiro ano do Ensino Médio foi bastante frustrante, pois eu havia sempre estudado na turma “A”, mas na 8ª série e no 1º ano, fiz parte da turma “B”, e éramos mal vistos por grande parte da escola EREM Abílio de Souza

Barbosa³, e intitulados de pior turma, de mal educados e, por esse motivo, vários educadores não paravam na nossa turma.

Figura 6 - EREM Abílio de Souza Barbosa



Fonte: Facebook

Disso, fizeram uma reorganização nas turmas, e foram colocados na “A” aqueles filhos de pais bem sucedidos e que foram de escolas particulares. Já a minha turma e as demais foram formadas por alunos egressos de todas as escolas públicas do município de Orobó, e eram constituídas por alunos considerados desinteressados pelos estudos e que prejudicavam as aulas pela bagunça, atrapalhando os professores durante as aulas.

Além disso, preconceitos de cor, de gênero e de corpo, descobertas de gêneros e descoberta sexual e pessoal também fizeram parte desse período, e diante de tantas dificuldades e novidades, não sabemos compreender essas fases, visto que não tivemos acompanhamento psicológico, por mais que a escola tivesse uma psicóloga – que não atuava. Nesse momento, pensei várias vezes em desistir dos estudos por causa de um colega em específico que, mesmo sendo mais retinto que eu, todo dia me fazia sentir ódio de mim mesma, por me chamar de “macumbeira”, “baleia”, “cabelo ruim”, dentre outros absurdos. E quando eu chegava aos prantos na sala da coordenação, diziam apenas que eram “picuinhas de aborrecentes”, mais uma vez negligenciando a violência constante que ocorria dentro da escola.

³ R. Manoel Silvestre M. Ribeiro, s/n - Centro, Orobó - PE, 55745-000.

No 2º ano, fomos subdivididos em três turmas, voltei para a turma “A” juntamente com mais três colegas, e as demais turmas, que iam até a “D”, foram divididos entre “B” e “C”. Contudo, ainda consegui fazer três amigas no 1º ano, as quais me metiam em confusões com os professores por copiar minhas atividades integralmente, amizades estas que perduraram até o término do Ensino Médio. Retornado ao conteúdo, anteriormente, apesar das trocas de profissionais, a ida para a turma “A” fez com que o acesso aos assuntos fosse facilitado, embora vigorassem os problemas com as professoras de Português e Inglês, pois a primeiro mal aparecia em sala de aula, enquanto a segunda nutria interesse em conversar apenas sobre bolsas. Os tópicos abordados eram raros e rasos, e ambas só passavam atividades desconexas.

Já o 3º ano, foi um período marcado por aulas para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Os educadores focavam muito em questões de provas, mas as ideias ficavam sempre vagas, já que visavam apenas temáticas que já tinham caído em provas anteriores, ao invés de simplesmente debatê-los, trazendo também o contexto geral. Novamente, as disciplinas que mais me chamavam a atenção pela organização e temáticas eram Geografia e História, principalmente quando utilizados documentários curtos e tópicos relacionados a algo do dia a dia ou que se voltasse ao tempo presente. Entretanto, nesse tempo, terminei o Ensino Médio, mas não ingressei no curso superior, já que não sabia exatamente o que cursar, e os cursos os quais eu possuía mais interesse eram em muito custosos para que eu pudesse entrar e também permanecer, tendo que abrir mão de muitas outras coisas.

Ademais, passaram-se três anos, entre o final de 2015 a 2018, em que me refiro como um intervalo necessário para descanso e novas aprendizagens, pois nesse tempo fiz cursinhos, como o PREVUPE (Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco), com professores muito bons, os quais colaboraram muito para minha entrada no curso superior. Ao fazer o Enem no ano de 2017 e estar em dúvida entre muitos cursos, um colega realizou minha inscrição no SISU (Sistema de Seleção Unificada), e colocou duas opções distintas, sendo Licenciatura em História a primeira opção, por “achar que eu tinha cara de historiadora”, já que eu gostava da disciplina nos tempos de escola. Quando fui aprovada, na primeira chamada em 2018.1, não acreditei e ainda questioneei bastante se era verdade, até chegar o dia da inscrição na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Figura 7 - Universidade Federal de Campina Grande/PB - Campus Sede



Fonte: Paraíba Online

A partir disso, foram longas jornadas em que foram colocados em prova vários costumes, como, por exemplo, enquanto antes eu não era permitida a dormir fora de casa, agora tinha que me habituar a morar com “estranhas”. Nunca havia saído de Orobó por muito tempo, e tive que sair para morar em outro estado; além de outras conquistas ao longo desse período, que havia conseguido justamente por ingressar no curso de História.

A entrada no curso me proporcionou grandes aprendizados, e muito do que não nos havia sido apresentado durante o Ensino Médio, a título de exemplo, saber distinguir e problematizar textos que recorrentemente romantizam processos históricos e que são muito comuns em livros didáticos. Além de possibilitar diversos encontros com inúmeras obras historiográficas que foram imprescindíveis em minha formação, como: “A Revolta da Vacina”, de Nicolau Sevcenko; “História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto”, de Primo Levi e Eduardo Garcia Valle; “Favelas na Primeira República: tentativas de remoção e resistência”, de Romulo Costa Mattos; “Orientalismo”, de Edward W. Said; “A peste bubônica”, de Marc Bloch; dentre tantas outras leituras que abriram muito o caminho para a problematização do estado de coisas atual, e que me formaram enquanto professora e historiadora.

Dessa forma, o ingresso no curso permitiu que eu tivesse a experiência de morar em um estado totalmente longe e diferente de Pernambuco, e, principalmente, longe da minha família, além de ser palco para que eu pudesse aprender cada vez mais. No entanto, para que tudo isso ocorresse, eu precisei (e preciso) da ajuda das bolsas de auxílio fornecidas pela

instituição, como o Auxílio Moradia e o Restaurante Universitário, já que meus pais não possuem meios econômicos para manter a minha vida acadêmica.

Segundo meu pai, quem nasce pobre tende a morrer pobre e, me fez refletir sobre a hierarquia social e os pensamentos enraizados que algumas pessoas insistem em replicar, e que marcaram grandes contextos históricos em que havia uma outra concepção sobre a estruturação social de cada grupo familiar, como é discutido no livro “Racismo Estrutural”, de Silvio Almeida. Desse modo, para que eu conseguisse dar continuidade ao curso, tive que recorrer às bolsas distribuídas pela PRAC (Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários), e ao conseguir, tive o auxílio necessário para a permanência na universidade. Ainda mais, o curso serviu e serve como uma fuga do ambiente conturbado que é a casa dos meus pais, e da própria convivência com eles e minhas irmãs, pois devido ao método deles de resolverem tudo com base em “desmoralização”, aumentam drasticamente minhas responsabilidades, apenas por ser a primogênita.

Já no curso, as descobertas continuavam a ser constantes, já que a concepção básica e muito deficitária que tive durante a trajetória escolar foi aos poucos sendo destruída. Como é o exemplo do período Vargas, ao qual o supracitado professor Genivaldo mencionava com tamanha emoção que foi o melhor período da história no Brasil, e considerava Getúlio Vargas como verdadeiro pai dos pobres. Contudo, ao estudar o contexto sob um olhar crítico e de fato acadêmico na disciplina de História do Brasil III, conseguimos enxergar a ambiguidade desse momento histórico, no qual não se pode prender-se a apenas alguns aspectos, especialmente, quando se atinge a população civil em vários meios burocráticos.

Diante disso, o curso também apresentou ideias e temáticas de gênero, racismo estrutural, estudo da forma, a discussão atual sobre governos fascistas e neofascistas, dentre outros – algo que não tive acesso durante o Ensino Médio. Por conseguinte, o curso de História foi importante para as descobertas que me proporcionaram um amadurecimento social e crítico para acontecimentos que marcam a historiografia brasileira, seja no presente ou no passado. E temas como a História do Brasil, ministrado pelo Prof. Dr. Luciano Queiroz, foi de suma importância a discussão sobre o ambiente político em que vivemos, como mostra o plano de curso seguir:

Figura 8 - Ementa disponibilizada pelo Prof. Dr. Luciano Queiroz

Ofertada por: 13060000 - UNID. ACAD. DE HISTÓRIA	Créditos: 4 - CH: 60
Professores: - JOSÉ LUCIANO DE QUEIROZ	
PLANO DE CURSO	
EMENTA	
O Brasil Republicano da primeira República e da Era Vargas	
I - OBJETIVOS	
OBJETIVO GERAL: Compreender a história e historiografia do Brasil Republicanos entre a proclamação da República e o fim do Estado Novo; OBJETIVOS ESPECÍFICOS Discutir a diversidade de interpretações historiográficas relacionadas ao fim da Monarquia e o advento da República no Brasil; Analisar, por ângulos multiperspectivos, os fatores políticos, econômicos, sociais e culturais da Primeira República; Entender o debate historiográfico sobre a chamada Revolução de 1930 e a Era Vargas; Analisar as relações entre movimentos sociais e Estado Novo no Brasil varguista; Compreender as disputas ideológicas entre aliancistas e integralistas no Brasil do pós 1930;	
II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
I UNIDADE: Primeira República e Revolução de 1930: Poder, Trabalho, Cultura e Movimentos Sociais	
II UNIDADE: Revolução de 1930 e Era Vargas: História e Historiografia	
III UNIDADE: Era Vargas (1930-1945)	
III - METODOLOGIA	
METODOLOGIA/RECURSOS Aulas expositivo-dialogadas.	
IV - AVALIAÇÃO	
Avaliação escrita	
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
FAUSTO, Boris. Revolução de 1930: historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1975. DE DECCA, Edgard. O silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1983. SODRÉ, Nelson Werneck. Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil. BESSE, Susan. Crimes Passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil (1910-1940). Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, ago 89-set.89. SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. Revista Brasileira de Educação. http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07.pdf . MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1992 FLORES, Elio Chaves. Jacobinismo negro: lutas políticas e práticas emancipatórias (1930-1967). In: As esquerdas no Brasil: a formação das tradições (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. OLIVEIRA, Lucia Lippi. Sinais da Modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: História da Vida Privada v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. GOMES, Angela de Castro. A invenção do Trabalhismo. 2ªed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. JUNIOR, Mário Cleber Martins Lanna. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: Ferreira,	
<hr/>	
Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.	
FERREIRA, Marieta de Moraes e SÁ PINTO, Surama Conde. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.	
MAIO, Marcos Chor e Cytynowicz. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.	
VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.	
FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeldes de ordem e progresso In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.	
LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Alfa-Omega, 1975	
MOREL, Edmar. A revolta da Chibata. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009, pp. 73/113.	
HERMANN, Jacqueline. Religião e política no Alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: Ferreira, Jorge & Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O Brasil republicano. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 121-160.	

Fonte: Controle Acadêmico Online UFCG

Como em todas as temporadas escolares, a universitária teve professores e disciplinas marcantes que foram destaques em cada período, tanto com boas memórias, como também aqueles que deixaram na memória os momentos de angústia. Professores como Manuela

Aguiar de História Antiga Oriental e Medieval Oriental, Nereida Martins de História Antiga Ocidental, História das Religiões com João Marcos, História Medieval e História Econômica com Jonathan Vilar, dentre outras disciplinas que contribuíram muito para minha formação. Por outro lado, houveram docentes cujas metodologias deixaram a desejar e que precisam repensar suas metodologias, como foi o caso de História Econômica Geral, História da Arte e Complementação da Prática, em que a ementa não foi desenvolvida da forma esperada, deixando os alunos sem as devidas orientações sobre o projeto de pesquisa, e preferindo nos levar para museus históricos de Campina Grande/PB – o que, sob outros olhares, também não foi de todo mal, pois, ainda assim, teve certa contribuição para nossa formação.

Destarte, o curso de História se mostrou incrível. E embora alguns profissionais não levam a disciplina e a formação de toda uma geração pelo caminho ao qual tem de ser percorrido, a maioria dos docentes faz com que a passagem por cada semestre seja marcante, possibilitando novas visões de mundo. Em relação aos colegas também não foi diferente, tiveram aqueles cuja presença marcou intensamente a minha vida universitária, como Jéssica Coutinho, Mirelle Dias, Alex Felix, Emanuel e Raí Porto, que revezávamos entre si para não deixar o outro desistir. Há também aqueles que foram passando ao longo do curso em períodos aleatórios, mas que nos comunicamos até hoje, como Jéssica Viana. As imagens abaixo ilustram parte desse período, colegas, momentos, vivências e, sobretudo, aprendizagens:

Figura 9 - Turma no bloco BZ



Fonte: acervo pessoal da autora

Da esquerda para direita: Raí, Alex, Sidney, eu e Jéssica, no intervalo de aulas no Bloco BZ.

Figura 10 - Minicurso de paleografia ministrado pela Profa. Dra. Juciene Apolinário



Fonte: acervo pessoal da autora

Da esquerda para a direita: eu, Jéssica, Raí e Emanuel, durante a realização de um minicurso sobre paleografia no Centro de Extensão José Farias.

Figura 11 - Visita ao Museu do Algodão, Campina Grande/PB



Fonte: acervo pessoal da autora

Da esquerda para direita: Alex, eu, Mirelle e Jefferson durante uma visita da turma de Complementação da Prática ao Museu do Algodão, em Campina Grande.

Embora o meu percurso acadêmico tenha sido repleto de dificuldades, de natureza econômica e pessoal, me encontro aqui, prestes a concluir o curso de Licenciatura em História pela UFCG! Já que prestigiei todos os meus colegas ao passar pelo importante rito social, também tenho a minha oportunidade! E não menos importante, fazer um agradecimento para aquelas pessoas que acreditaram em minha capacidade de chegar ao final do curso de História: minha mãe, minha irmã Josina, meu pai (apesar das dúvidas dele), Josivaldo, meu namorado e minha amiga Gabriela Bezerra.

Figura 12 - Em família



Fonte: acervo pessoal da autora

Na imagem acima, da esquerda para a direita: eu, Déborah, tia Biu (Severina), mainha e Josina.

Figura 13 - Meu namorado Josivaldo



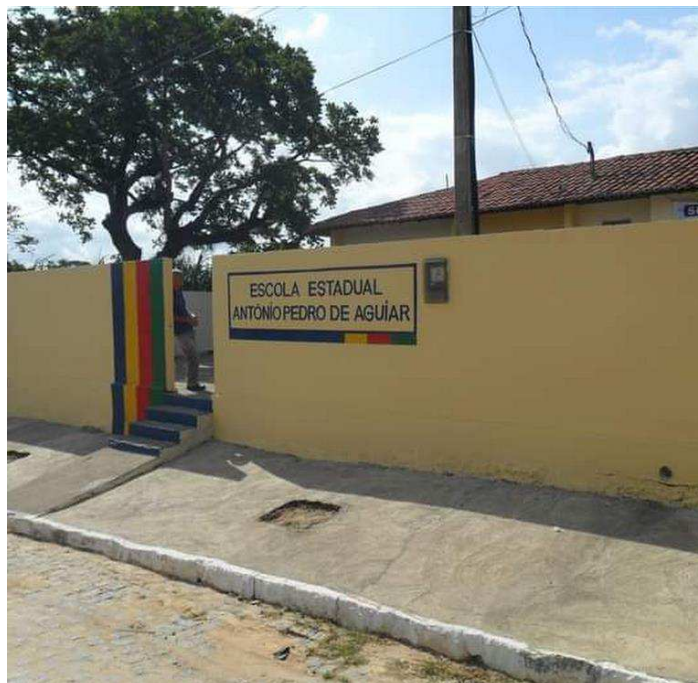
Fonte: acervo pessoal da autora

Em vista de toda essa trajetória, ainda restam aqueles que duvidaram do meu sucesso, ao questionarem “para que a existência de professor de História, se a disciplina não serve para nada?”, proferido por minha tia paterna, que prioriza a formação pela rede privada, já que tem uma prima e seu esposo como Historiadores, enquanto eu sou a única, até o momento, a se formar em uma Universidade Pública. Não obstante, há também os que só falam da falta de

oportunidades para professores em nosso município e que a consequência disso seria terminar um curso superior para ter que trabalhar cuidando de filhos alheios. Mas, como é dito coloquialmente, as pessoas lhe querem ver bem, só não melhor do que elas, então fazem de tudo para nos desmotivar. Sem mais delonga, tendo vivido tanto e ouvido demais, ainda assim ocorrerá tudo bem, tanto na carreira profissional quanto pessoal, em busca de melhores condições de vida no futuro.

CAPÍTULO II – O CONTEXTO DE ESTÁGIO

Figura 14 - EREM Prof. Antônio Pedro de Aguiar



Fonte: Nicelocal

Caraterização da Escola

A Escola Estadual Professor Antônio Pedro de Aguiar, onde o estágio foi realizado, está localizada na rua Governador Nilo Coelho, Vila Matinadas Zona Rural, Orobó/PE, e atende a séries do Ensino Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos), sendo subdivido em turmas do NEM (Novo Ensino Médio), que são integrais, e o período vespertino, além das aulas à noite. A faixa etária dos estudantes está entre 15-17 anos e contam com uma turma de 25 funcionários, incluindo professores, porteiros, cozinheiros e demais colaboradores. A escola é dividida entre um polo principal e um anexo para atender a demanda de alunos ingressantes todos os anos. A direção da instituição é composta por Maria Aparecida Barbosa, e a coordenadora pedagógica Fabíola Aguiar Barbosa Vieira de Souza⁴. Minha experiência docente foi sendo estagiária do professor Hosanan Antônio de Souza, que possui Licenciatura plena em Geografia pela UPE (Universidade de Pernambuco) e mestrado em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela UNINTER (Centro Universitário Internacional).

⁴ Maria Aparecida tem graduação em Letras e especialização em Linguística; e Fabíola Aguiar tem graduação em Letras e especialização em Língua portuguesa

Figura 15 - Professor Hosanan e família

Fonte: WhatsApp

É necessário pontuar que o PPP (Plano Político Pedagógico) da escola está sendo reformulado, segundo informações da coordenadora pedagógica, por isso, ela pôde me repassar maiores informações referente ao Plano Pedagógico. A escola possui 10 salas de aula, porém, apenas 6 estão em funcionamento. Tem-se a alimentação escolar para todos os alunos, água filtrada e de cacimba, energia da rede pública, fossa, lixo com coletas periódicas, acesso a internet para todos os alunos e profissionais, sala dos professores, cozinha, secretaria, almoxarifado, quadra de esportes, biblioteca, banheiros, dentre outros.

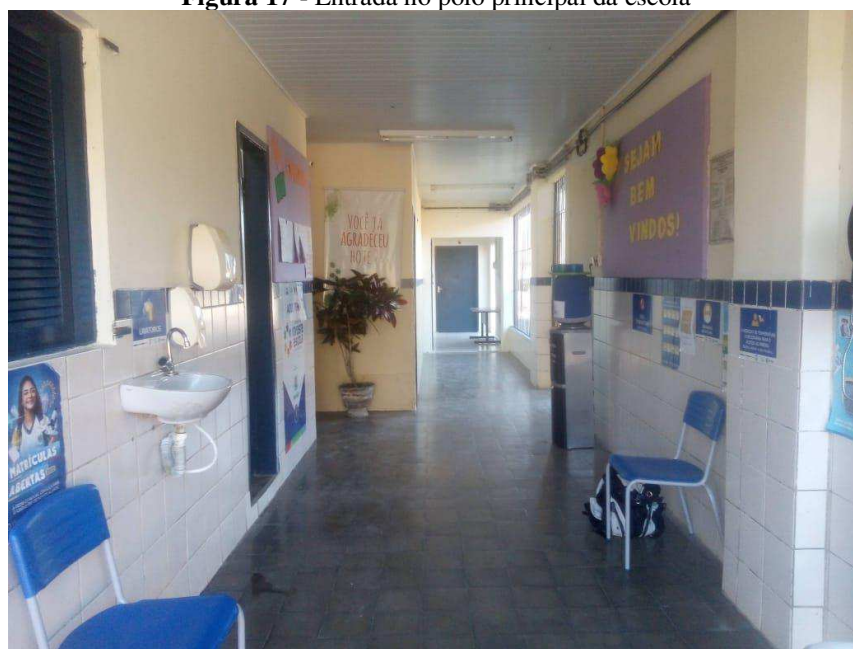
Ademais, a escola possui TVs e antenas parabólicas, copiadoras e impressoras, computadores (sendo restritos aos funcionários, já que não há sala de computação), aparelhos de som e projetores. A instituição ainda possui uma boa iluminação, a escola tem pátios bem largos, além de ar-condicionado em todas as salas, juntamente com ventiladores, porém, as salas são pequenas. Os banheiros são dois em cada bloco, possuindo duas cabines cada um, feminino e masculino; ainda há um banheiro com chuveiro, cortina, sabonetes e absorventes disponíveis. Abaixo segue imagens que ilustram parte da instituição:

Figura 16 - Entrada da escola



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 17 - Entrada no polo principal da escola



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 18 - Quadra de esportes da EREM Antônio Pedro



Fonte: acervo pessoal da autora

Contudo, há a falta de um refeitório e uma sala de vídeos, além de uma infraestrutura melhor e mais ampla que comporte os alunos. Ademais, como não se tem turmas grandes na escola, sendo a maior de 36, a maioria dos professores, inclusive, secretários, ministram as disciplinas diferentes daquelas que possuem formação acadêmica, como é o exemplo do professor de História que tem formação em Geografia, ou a professora de Química que ensina Biologia e Português, dentre outras.

Recursos da escola, materiais e didáticos

Os recursos financeiros que a escola possui vem tanto das verbas governamentais como também de doações dos professores e colaboradores, pois, como dito pelas funcionárias, Daiana Araújo e Aparecida Barbosa, não se pode deixar os alunos sem merendas, pois já que atendem estudantes em insegurança alimentar, muitos vão para a escola justamente fazer as refeições do dia. Não obstante, os funcionários comumente se juntam para fazer cotas como meio de conseguir suprir a alimentação e gastos extras que aparecem durante o mês, e não deixar os alunos sofrerem com a falta de recursos financeiros. A título de exemplo, no dia 19 de abril de 2023, junto a comemoração do “Dia do Índio”, foi a inauguração da quadra poliesportiva, evento que teve bolo e refrigerante às custas dos funcionários da escola, uma vez que a escola não tinha verba para sua realização.

A instituição em si é pequena, pois tem uma falta de distribuição do espaço disponível, sendo motivo para discussão de educadores com a GRE (Gerência Regional de Educação -

Vale do Capibaribe), já que a quadra é grande, o pátio da escola é largo, mas as salas são pequenas. Além da mudança arquitetônica que se é cobrada para o embelezamento da instituição.

Todavia, como dito anteriormente, a escola deixa a desejar em pontos importantes, como a falta de uma sala de vídeos, refeitório, os espaços das classes, não possui laboratórios, rampas de acessibilidades, dentre outros. Contudo, há uma sala de multimídias onde são atendidos alunos com deficiências intelectuais, e contam com a ajuda da professora Conceição para leituras, escritas e contagens em prol de seu desenvolvimento intelectual; e também tem a biblioteca que fica à disposição dos estudantes. Em seguida, fotografias disponibilizadas pela professora Conceição, do seu trabalho com os alunos deficientes:

Figura 19 - Comemoração do dia das mulheres realizada pela professora Conceição e seus alunos



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 20 - Lembrancinhas feitas pelos alunos José Vitor e Lucivan



Fonte: acervo pessoal da autora

Caraterização das turmas

Como citado anteriormente, a escola possui alunos normais⁵, alunos deficientes e o EJA. No primeiro dia do estágio, assisti aulas no 2^a ano “A” e no 3^a ano “A”, e pude observar algumas coisas que me surpreenderam, como a falta de inclusão de alunos deficientes em turmas convencionais, como manda a legislação, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).”⁶, e prioriza a inclusão destes alunos, inclusive, com atenção especial dos profissionais da educação especializados, a qual na escola está sobre a responsabilidade da

⁵ As autoras da Revista Contexto e Saúde dialogaram sobre “O NORMAL E O PATOLÓGICO: Implicações e Desdobramentos no Desenvolvimento Infantil”, a partir de um diálogo com vários autores psicólogos e psicanalistas, como Freud, Comte, e outros, discutem a forma do desenvolvimento infantil e suas aplicações empregadas a crianças. Pois, “o normal, para ele (Bergeret (1996), não seria uma pessoa que se declara como tal ou um doente que ignora sua doença, mas uma pessoa que tenha conseguido superar suas dificuldades internas e externas, mesmo que em alguma situação excêntrica tenha se comportado de maneira aparentemente “anormal” (p.320). Além disso, “inúmeros fatores influenciam o caminho que tomará o desenvolvimento de cada sujeito: sua constituição biológica e genética, o ambiente familiar e social, a capacidade de resiliência, a rede de apoio disponível, entre outros. Assim, de forma nenhuma um fator isolado pode ser capaz de prever a história do sujeito.” (p. 325). Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1536>

⁶ Acesso em: https://www.cnmmp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao__pessoa__deficiencia.pdf

professora Conceição Barbosa⁷, que trata seus alunos muito bem. Contudo, no colégio, não muito se concretiza, já que não ocorre tal qual a lei, e traz consigo uma problematização sobre um ensino de qualidade e igualitário para todos, que é previsto por lei e negligenciado por alguns profissionais.

Desse modo, o que ocorre com alguns dos profissionais é a desatenção com os alunos José Vitor e Lucivan, ao não providenciar a sua inclusão em sala de aula. O que pude confirmar ao assistir a essas duas aulas, foi que os dois alunos deficientes, cada qual em sua turma, são ignorados pelo professor quando questionam algum tema e quando se realizam atividades em sala. Por exemplo, durante a realização de provas e atividades, o professor passa em cada carteira observando e avaliando como os alunos estão se saindo nas atividades, todavia, quando chega a vez destes alunos, o profissional ignora até presença deles, além de não atender a quaisquer de suas indagações.

Por outro lado, as turmas, majoritariamente, mostram desinteresse com os conteúdos e propósitos escolares, e procuram utilizar o ambiente da instituição para conversas, brincadeiras, ou quaisquer assuntos não vinculados à vida escolar. Em contrapartida, há muita preocupação entre os gestores e professores, os quais, incentivados pela GRE de Limoeiro/PE, buscam realizar projetos que alcancem esses estudantes, para despertar seu interesse em participar das aulas, e enxergar a escola para além da obrigação em terminar os estudos.

Inclusive, a turma na qual tive a experiência docente foi o 3^a “A”, que possuía adolescentes entre 16-17 anos, contando com um aluno deficiente e uma mulher com mais ou menos 40 anos, que está na turma para concluir o Ensino Médio no período normal. Em contrapartida, o interesse da turma em desenvolver e prestar atenção no conteúdo era ínfimo, entre conversas paralelas e saídas constantes de sala; na maioria das vezes, tinha de, recorrentemente, reclamar do barulho, enquanto o docente ministrava as aulas apenas para os que estavam prestando atenção, tendo que forçar a voz além do necessário para poder alcançá-los. Como já mencionado, a sala é bem diversificada, no entanto, a atenção do professor é seletiva e exclusiva, deixando o aluno deficiente de lado, e se voltando para os demais

⁷ Graduada em Letras-Inglês pela Instituição FFPNM-UPE (Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata- Universidade de Pernambuco); especializada em Linguística Aplicada e Psicopedagogia, além da Educação Inclusiva; professor/Intérprete de Libras na Escola Professora Rita Maria da Conceição, formação de ensino Curso de Libras – APDL (Associação Pró-Desenvolvimento de Languiru);

estudantes. Nas aulas que ministrei, ele não permaneceu na sala, pois, assistia às aulas com a professora Conceição e seu colega na sala de multimídia.

Apesar disso, como já estão no último ano do Ensino Médio, eles têm que fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), mas, o único interessado em matricular-se no exame é o aluno deficiente, enquanto o restante não demonstrou interesse algum em prestar o exame, ou mesmo procurou a coordenação para informar-se. Ademais, a turma em si tinha 36 pessoas matriculadas, todavia, apenas 25 ou 27 estavam presentes em sala a cada segunda-feira durante a realização do estágio. Destes, somente duas meninas participavam da aula, quanto aos meninos, nenhum buscava questionar ou mesmo compreender o conteúdo – ponto imprescindível para o diálogo pedagógico. Logo, os principais debatedores durante as aulas eram eu e o professor, e, de vez em quando, as duas alunas. Já nas demais turmas do polo central, os alunos passavam e passam mais tempo conversando com os vigilantes e levando reclamações da coordenação do que assistindo as aulas.

Experiências como docente

A minha experiência ao decorrer do estágio foi bem diferenciada, inclusive, tiveram muitas conversas com o corpo técnico e docente da escola em relação a como melhorar a aprendizagem dos alunos que atrapalhavam as aulas e/ou saíam constantemente da classe. Durante a conversa, entrou-se em um consenso com os professores: promover atividades para que os próprios alunos desenvolvessem dinâmicas naquilo que realmente gostassem, como dança, dominó, canto, oração, dentre outros. Destes, os participantes tinham que formar grupos de atividades extracurriculares, com a devida orientação dos docentes, visando maior participação do corpo estudantil e, conseqüentemente, o aumento das notas no final da unidade. A proposta foi aceita e bem discutida entre os colegas de profissão.

Na escola, fui bem recebida, principalmente, pelos professores e funcionários, os quais procuraram me incluir em todos os assuntos relacionados à licenciatura. O professor regente, Hosanan, também foi bem compreensível, disponibilizando seu plano de aula no primeiro dia de estágio, e buscando me ajudar com as dúvidas, colaborando, ainda, com os conteúdos durante as aulas da segunda-feira – dia escolhido para o estágio por ter duas aulas seguidas. A primeira aula, no dia 20 de março de 2023, foi destinada a observação do conteúdo ministrado por Hosanan, em que pude entender suas metodologias para ter uma base e uma ponte para compreender e alcançar a turma, em suas diferenças e interesses, e, dessa forma, atuar.

Figura 21 - Turma do 3º “A”

Fonte: acervo pessoal da autora

Ademais, ao ter tido problemas com o meu *notebook* e não conseguir levá-lo para a escola, me organizei com o material escrito em meu caderno e mapas mentais feitos no quadro para ministrar o conteúdo das aulas. Assim, as aulas seguiam uma dinâmica que ia de mim a Hosanan, já ele participava com frequência, buscando fazer com que os alunos fizessem indagações, uma vez que as caixinhas de som e as conversas paralelas tinham um tom maior do que o meu próprio tom de voz. Apesar das reclamações sucessivas feitas pelo professor, para que respeitasse as minhas aulas e por ser uma estagiária visitante, a turma rapidamente o ignorava, e prosseguiam com as conversas.

Em sequência, ao indagar o professor regente sobre a falta de apresentação de slides nas aulas, ele explicou que, ao levá-los, nenhum aluno prestava atenção, desse modo, poderia abdicar dos slides e recorrer ao habitual quadro branco – o que mostra uma falta (também) de empenho em realizar mudanças metodológicas simples. Embora tamanha fosse a dificuldade para que os alunos prestassem atenção no conteúdo, a experiência foi positiva em relação à experiência anterior que tive em 2022, na qual obtive muitos problemas com a então professora regente e, por conseguinte, acabei reprovando por não ter conseguido realizar o estágio. Ainda mais, foi importante perceber o ensino com outros olhares, já que vai ser sempre necessário que não sejamos somente professores, e começemos a ter mais ciência de tudo ao nosso redor, tendo que ser um descobridor, por vezes um destruidor, mas sobretudo, um inventor. Logo, a minha visão mudou drasticamente no que diz respeito a pensar o docente como um superior do aluno, e, por isso, tinha o aluno que se contentar a qualquer

coisa. Visão esta que vem sendo constantemente desconstruída durante o curso de História, e, especialmente, durante o estágio.

Para tanto, em muito dialoguei com os seguintes textos: “Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados”⁸, de Seiva Guimarães Fonseca; o texto de Selma Garrido Pimenta e Maia Socorro Lucena Lima, “Estágio e Docência”; de Itamar Freitas, “Sequências didáticas para o ensino de História”; além dos textos de Iranilson Buriti e Margarida Dias. Muitas foram as contribuições de Seiva Fonseca, por exemplo, que busca refletir didáticas ao uso de materiais disponíveis pela instituição como meio de desenvolvimento de atividades educacionais, que procuram desenvolver a capacidade intelectual dos alunos e suas cidadanias a partir de variações pedagógicas e, principalmente, na utilização da interdisciplinaridade para a reconstrução de suas práticas educacionais.

Além da contribuição imensa que teve a cadeira de Prática de Ensino, ministrada por Iranilson Buriti, que buscou incentivar-nos a usar da interdisciplinaridade para ministrar as aulas, visando sermos os mais didáticos possíveis com os materiais que nos foram disponibilizados. Uma vez que, em uma “sala de aula real”, significa ter métodos específicos tanto para driblar dificuldades compartilhadas, estruturais e/ou sociais, quanto para ministrar bons conteúdos com a escassez de materiais de qualidade, presando sempre pela compreensão dos alunos e a realização do bom trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio realizado na EREM Professor Antônio Pedro de Aguiar foi de suma importância para a conclusão do curso de História pela UFCG, pois vivi inúmeras experiências com a prática docente, e com tudo que foi visto, analisado e discutido durante a trajetória acadêmica. Além de abarcar, agora de forma mais realista, tudo que foi trabalhado em teoria, o que serviu para uma melhor adequação dos conteúdos, de acordo com a disponibilidade de ferramentas da escola.

Não obstante, diverge em muito a prática docente da teoria acadêmica. Durante o curso, vemos muitos assuntos de forma aprofundada, em aulas que duram duas horas; por outro lado, nas aulas nas escolas, o assunto tende a ser drasticamente resumido para caber em 50 minutos, e de forma que o aluno compreenda como ocorreu, por que, com quem, e no que resultou. Ponto que é um empecilho no que diz respeito ao aprofundamento do conteúdo e desenvolvimento de atividades, pois tem-se que escolher o que será retirado do plano escolar para dar lugar a conteúdos que são recorrentes em vestibulares, ou julgados pela escola como “mais importantes”.

Nesse sentido, pude ter acesso de forma prática a tudo que se foi visto em sala de aula, e acompanhei a realidade de professor e aluno na instituição onde faltava materiais necessários para a atuação do primeiro, e para a permanência do segundo. Estive presente em reuniões que me abriram o olhar para o ensino prático de História, como também para uma realidade precarizada da escola, em suas diferentes localizações, uma vez que não presenciei essa cena nas escolas em que estudei. No mais, as aulas foram marcadas por experiências importantíssimas para a minha formação.

A partir da prática docente, espero amadurecer cada vez mais enquanto profissional, tanto para não sentir vergonha de falar em frente à turma, por causa de risadas e provocações desnecessárias, como para aprender a lidar com uma classe de forma autônoma, sem a necessidade de auxílio de outros profissionais. Ademais, poder superar as crises de ansiedade ao adentrar em uma sala de aula, fruto dos fantasmas do passado, de tal forma que eu possa repassar o conteúdo aos alunos da forma mais natural possível. Logo, anseio conseguir ser uma ótima professora de História, tal qual são os meus professores.

Desse modo, todo o trabalho foi significativo para novos aprendizados na comunidade acadêmica. Uma vez que o memorial significou tanto compreender as lacunas e dificuldades

enfrentadas durante o percurso escolar, das quais retiravam e retiram o sono, quanto buscar contornar os desafios e melhorar as metodologias para enfrentá-los da forma mais adequada e justa a cada ocasião, quando necessário. Ou seja, no âmbito escolar e acadêmico, como no pessoal, a cada realização do magistério, é importante saber lidar com cada ocasião, independente do que seja, ou aconteça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural, feminismos plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Tradução: Laurent de Saes. São Paulo: EDIPRO, 2016.

DELATORRE, Marina Zanella; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Hericka Zogbi Jorge. **O NORMAL E O PATOLÓGICO: Implicações e Desdobramentos no Desenvolvimento Infantil**. Revista Contexto & Saúde, Ijuí, v. 10, n. 10, p. 317-326, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1536>>. Acesso em: 7 de jun. de 2023.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

MATTOS, Romulo Costa. **Favelas na Primeira República do Brasil (1890 1930): luta pelo direito do Pobre para Residir na Cidade do Rio de Janeiro. História Internacional do Trabalho e da Classe Trabalhadora**, v. 83, 2013.

SAID, Edward W. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

OLIVEIRA, Iranilson B. Viver a vida e contá-la: (auto)biografia, trabalho infantil e itinerários pedagógicos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.]**, v. 8, n. 23, p. e1106, 2023. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1106. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/15145>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

VALLE, Eduardo Garcia. **História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História; ANPUH-São Paulo, 2011.

ANEXOS

Sequências Didáticas

Escola Estadual Professor Antônio Pedro de Aguiar

Professor Regente: Hosanan Antônio de Souza

Estagiária: Vanessa Camila da Silva

Componente Curricular: História

Série: 3^a

Tema: Contribuições culturais dos diferentes grupos de imigrantes que se fixaram no Brasil;

Unidade temática: Fontes Históricas

Objetos de conhecimento:

- ∞ Contribuições culturais;
- ∞ Imigrações, realidade x idealização governamental;
- ∞ Principais grupos de imigrantes que veio ao Brasil;

Habilidades da BNCC:

- ∞ EM13CHS102: Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
- ∞ EM13CHS104: Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- ∞ EM13CHS204: Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), para diversidade étnica-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas;

Palavras Chaves: culturas- imigrações- contribuições

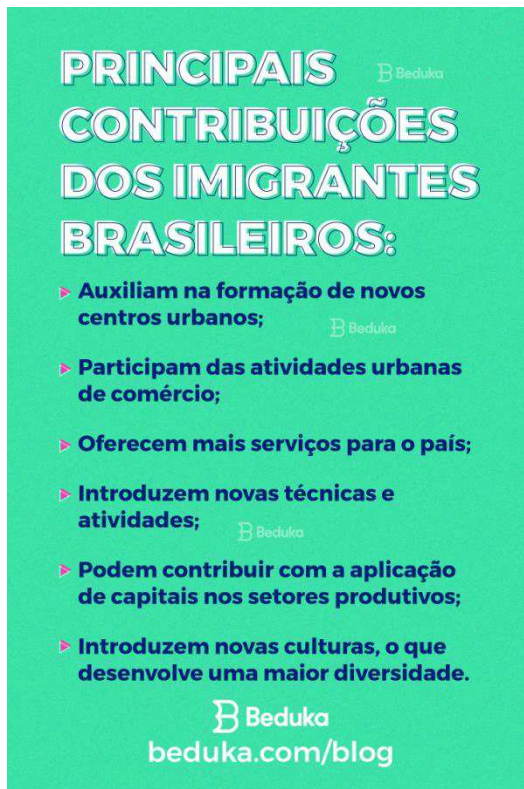
Materiais Utilizados:

- ∞ Debates sobre as formas de imigrações e suas colaborações, a partir de colocações que os alunos forem dialogando;
- ∞ Resumo do conteúdo, por meios de mapas mentais feito no quadro branco;
- ∞ A forma de avaliação será fichamento de no mínimo duas páginas sobre o conteúdo ministrado;
- ∞ Duração da aula, duas aulas de 50 min;

Referências:

- ∞ <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm#Causas+da+imigra%C3%A7%C3%A3o+no+Brasil>
- ∞ <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>

Figura 1



Fonte: Pinterest

Tema: Unificação política da Alemanha e Itália

Unidade temática: Relações de poder, cidadania e movimentos sociais.

Objetos de conhecimento:

- ✓ Explicar as mudanças que ocorreram nesse período, principalmente ao fator que desencadeou a primeira guerra mundial;
- ✓ Atraso Italiano x desenvolvimento Alemão;
- ✓ Burguesia progressista x “Patriotismo” exacerbado;

Habilidades da BNCC:

- ✓ EM13CHS603: Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

Palavras Chaves: revoluções patrióticas- unificação- caos político e social

Materiais Utilizados:

- ✓ Debates e explicações sobre o assunto em questão;
- ✓ Utilização de quadro negro, para anotações;
- ✓ Avaliação por meio de fichamentos;
- ✓ Duração de quatro aulas de 50 min cada (o professor no dia achou melhor dividir o assunto em dois, porque abrange a geografia também. Logo, ficou duas aulas para a unificação alemã e duas para a unificação italiana).

Referências:

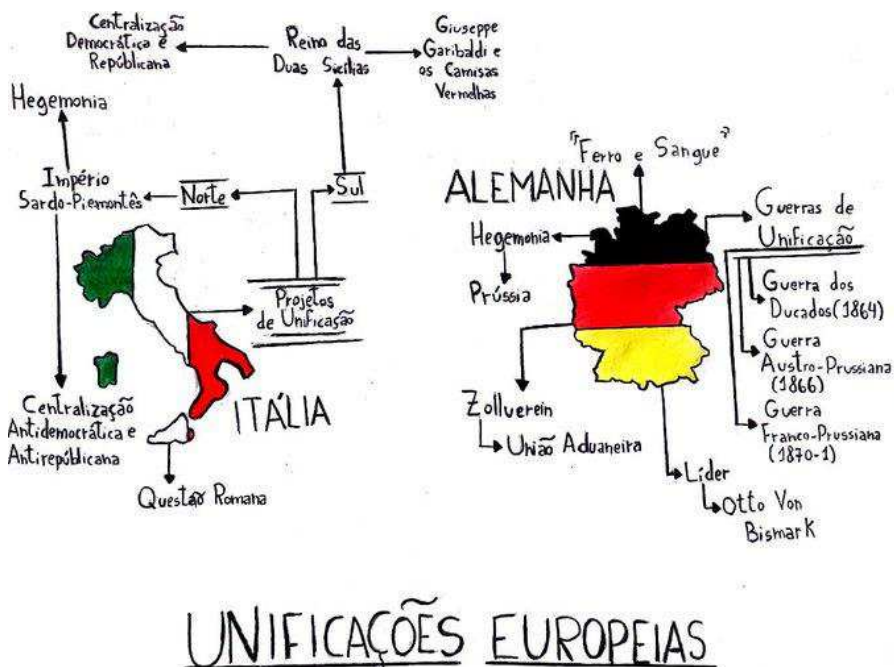
- ✓ <https://www.todamateria.com.br/unificacao-italiana/>
- ✓ <https://www.todamateria.com.br/unificacao-alema/>
- ✓ https://www.educabras.com/enem/materia/historia/historia_geral/aulas/unificacao_italia_e_alemanha

Figura 2



Fonte: Study Maps

Figura 3



Fonte: Twitter

Tema: Segunda Revolução Industrial

Unidade temática: Relações de poder, cidadania e movimentos sociais.

Objetos de conhecimento:

- ❖ Compreender as “oportunidades” adquiridas com a continuidade da revolução industrial, principalmente o crescimento dos países a partir da Segunda Guerra Mundial;
- ❖ Observar os aparatos “tecnológicos” que foram sendo adquiridos durante a revolução e melhorados ao decorrer do período;
- ❖ Entender a dependências de países que ainda estavam em atraso econômico, social e científico;
- ❖ Ligar as suas causas e consequências até os dias atuais;

Habilidades da BNCC:

- ❖ EM13CHS401: Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

Palavras Chaves: Revolução Industrial- Inovações científicas e tecnológicas- Nova era

Materiais Utilizados:

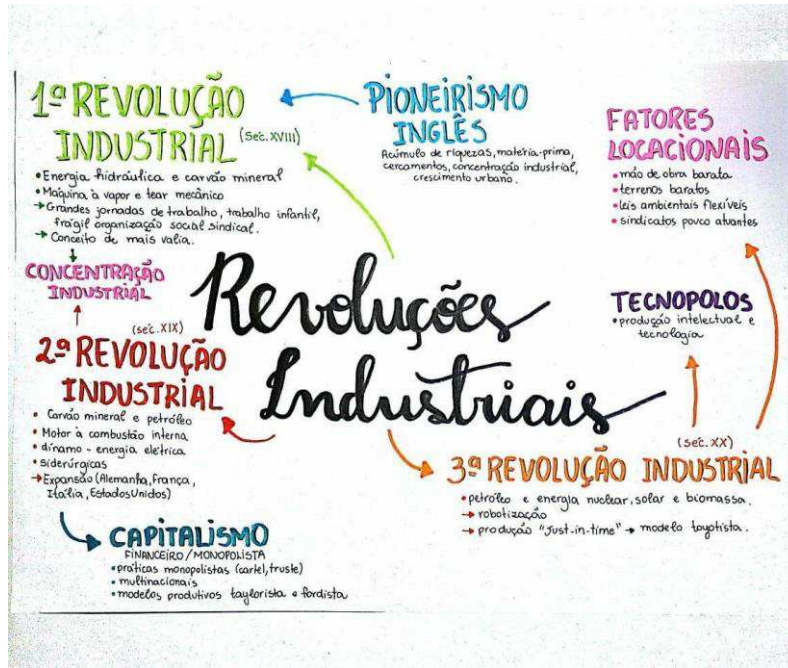
- ❖ Anotações em quadro branco;
- ❖ Debates como meio de destrinchar o assunto;
- ❖ Avaliação por meio de análise dissertativa;
- ❖ Duração de duas aulas de 50 min cada;

Referências:

<https://www.todamateria.com.br/segunda-revolucao-industrial/>

<https://www.todamateria.com.br/terceira-revolucao-industrial/>

Figura 4



Fonte: Brainly